



Parecem as rotativas

Mais desse filme, não

Uma das profissões mais sacrificadas do Brasil talvez seja, hoje, a de pesquisador de Instituto de Opinião Pública. Que o digam, por exemplo, os cerca de 500 funcionários que dessa forma ganham sua vida dando duro no Ibope. Não se trata, aqui, de abordar eventuais problemas salariais, nem de lembrar a dura sina de quem é, com frequência, confundido nas ruas com vendedor chato, fiscal da Prefeitura, tarado ou assaltante. O problema, como vem atestando as equipes de campo do Ibope, é que, nessa época pré-eleitoral, a grande maioria das pessoas não quer nem ouvir falar de política.

"As pessoas acham que os políticos são corruptos e só estão interessados em tirar proveito pessoal da política", contou, dias atrás, a pesquisadora carioca Luiza Iara Matheus. Outro colega, José Carlos Lira, também do Rio de Janeiro, disse que a frase que mais ouve nas ruas é a seguinte: "Política? Não quero saber". Para ele, boa parte das pessoas acha que os políticos são farsantes, "porque prometem muita coisa antes da eleição e não cumprem".

Para onde quer que se olhe, no poluído horizonte de expectativas do Brasil de hoje, se enxerga insatisfação com os políticos — e, talvez mais grave do que isso, os políticos parecem não perceber a extensão do fenômeno. É só escolher qualquer pesquisa, ao Deus dará, e não dá outra: nem os cartolas do futebol estão mais por baixo que os representantes do povo. Há algumas semanas, por exemplo, o "Jornal do Brasil" divulgou uma grande pesquisa nacional do Ibope abrangendo 5 mil eleitores brasileiros de 249 Municípios espalhados por todo o país, e lá estava o vírus: a coisa já começava naquele que é hoje o político brasileiro por excelência, o ex-"senhor diretas" e atual "senhor Constituição", deputado Ulysses Guimarães. Nada menos que 60% do eleitorado desaprovavam a atuação do nosso ilustre multipresidente.

Essa pesquisa, por sua abrangência, continha outros dados que deveriam tirar o sono das lideranças civis brasileiras. Um deles: nenhum dos 18 líderes submetidos aos eleitores como candidatos potenciais à Presidência da República recebeu mais indicações do que a resposta "nenhum deles". Pouco depois do "UB", a revista "Exame" também adiantou outros dados levantados pelo Ibope na mesma linha. A pergunta sobre "quais os grupos que mais ajudaram a melhorar a situação do Brasil no último ano?", os entrevistados fuzilaram sem hesitação os deputados federais e os senadores eleitos pelo povo: os deputados receberam meros 8% das indicações, e os senadores foram ainda pior, batendo num fundo de poço de 6%.

Essa lista de misérias pode continuar indefinidamente. Na Bahia, a Assembléia Legislativa manda fazer uma pesquisa, e o resultado atira na testa dos deputados estaduais: 80% do povo desconfia deles. Em Minas Gerais, o Instituto Vox Populi vai medir a temperatura das ruas, e verifica que não mais que 23% dos eleitores acreditam no presidente da República. Em São Paulo, a Rádio Jovem Pan divulga só parte dos resultados do mapeamento eleitoral que anda fazendo antes de começar sua pesquisa de preferências por candidatos à Prefei-

tura — só parte porque, conforme contou dias atrás o jornalista Fernando Veira de Mello, diretor de Jornalismo da Pan, se fosse colocar no ar o que as pessoas efetivamente dizem dos políticos nos microfones, os ouvidos das senhoras de Santana com certeza não suportariam. "Cachorro", "vagabundo" e "ladrão" fazem parte do elenco de expressões que estão podendo ir ao ar — e por aí já é possível imaginar o que fica estocado apenas nas tolerantes fitas magnéticas da Rádio. Não é diferente o que acontece com as entrevistas de rua que a tevê vem fazendo para saber em quem o paulistano vai votar no dia 15 de novembro, conforme assegura o editor-executivo do departamento de Jornalismo, Luis Fernando Emediato.

O que teria acontecido com um país que entupiu as praças públicas na campanha das diretas — uma torrente de otimismo ocorrida há apenas quatro anos mas que parece ter se passado em outro século e em outro lugar? Ou com as multidões que aclamaram Tancredo Neves nas praças públicas, transformando em final de Copa de Mundo a escolha do Colégio Eleitoral?

Bem, todos sabemos que aconteceu muita coisa, a começar pela dolorosa cadeia de decepções gravada em fogo na memória dos brasileiros, uma espécie de Triângulo das Bermudas das esperanças nacionais — a derrota das diretas, a morte de Tancredo e o fracasso do Plano Cruzado. Não é preciso ser sociólogo, historiador ou antropólogo para crescer, à relação, o desastre generalizado que é o governo do presidente José Sarney, o arremesso ao lixo do programa do PMDB por seus principais líderes, a impunidade dos ladrões também sob a Nova República, os casuismos implantados na nova Constituição. A lista é longa, e seu conteúdo não é segredo ou surpresa para ninguém.

O problema é que essa conta é alta demais para ser debitada apenas aos políticos. A monstruosa dívida externa brasileira, por exemplo, é essencialmente um produto da megalomania e dos descabros tecnocráticos do regime militar — só para refrescar a memória. Talvez o lembrete nem fosse tão necessário, na verdade: a própria pesquisa Ibope que bate duro nos políticos mostra que os 21 anos de ditadura militar nem de longe foram esquecidos. Ali, os militares receberam apenas magros 6% das indicações dos pesquisados no item "quem ajudou a melhorar a situação do Brasil?". Só perdgram para os banqueiros, o que, neste país, não é pouco.

De toda forma, se a culpa dos políticos no cartório deve ser relativizada, não escapa deles a responsabilidade pelo resgate da atividade política como essencial à construção da democracia. É injusto rotular os políticos como corrupto, incompetentes e interesseiros — uma boa maioria deles certamente não é assim. Mas, se é esta a imagem que a opinião pública faz de seus representantes, isto é um dado de realidade com que eles têm a obrigação de lidar — e que é preciso reverter, para não cairmos novamente no abismo que representam os salvadores da pátria, os caudilhos iluminados e as ditaduras redentoras. Nós já vimos esse filme antes. Ele tem um enredo sinistro e um final infeliz.